

REVISTA

ADVENTISTA

n.º 47

Julho-Agosto
de 1948

«Até que todos cheguemos à unidade da fé, ao conhecimento do Filho de Deus»

(S. PAULO, AOS EFÉSIOS 4:13)

Órgão exclusivamente religioso e de
informação da União Portuguesa das
Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

DIRECTOR:

A. DIAS GOMES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

TELEFONE 4 2169

LISBOA

PREÇOS:

Cont. e Ilhas Colónias

Número avulso . 1\$50 2\$00

Assinatura anual 7\$50 10\$00

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES

32, Rua das Picoas, 34

LISBOA

ESCOLA MÉDICA ADVENTISTA DE LOMA LINDA, CALIFÓRNIA

Tem-nos visitado regularmente o jornal dos Estudantes desta importante escola médica norte-americana (*The Journal Alumni Association College of Medical Evangelists*) em papel «couché», 36 páginas. Artigos de médicos adventistas, professores e alunos. Muito trabalho já foi feito pelos médicos adventistas na obra mundial de evangelização e muito mais resta ainda a fazer pela brilhante mocidade adventista que cursa, presentemente, esta ou qualquer outra faculdade, donde sairão os condutores espirituais e técnicos do amanhã.

É natural que muitos jovens adventistas portugueses aspirem a trabalhos activos de harmonia com o espírito da Mensagem Adventista. Por certo que os estudos de médico ou de enfermagem estão no espírito do Evangelho e da Mensagem Adventista. Rapazes e raparigas que desejem servir-se da medicina ou da enfermagem como instrumentos evangelizadores hão-de ver frutos incalculáveis nas suas actividades. Foi por se ter dedicado às doenças do corpo que Cristo viu multidões à sua volta. Claro está que não será a medicina ou a enfermagem quem evangelizará o mundo. Necessita-se pregar o Evangelho, espalhar a doutrina cristã. Muitos médicos e enfermeiros adventistas falharam nesse ponto, esqueceram-se de pregar o Evangelho, limitaram-se a tratar dos doentes.

É natural que muitos sonhem com Loma Linda. Aproveitem o tempo e as oportunidades em Portugal. É o caminho mais rápido para chegar à Escola Médica Adventista de Loma Linda.

As nossas Igrejas da Divisão Sudeuropeia, em todos os países que a compõem, estão empenhadas no mais enérgico esforço de evangelização na história do nosso movimento na Europa meridional. O alvo de batismos que se propuseram é de doze mil antes do fim de 1948. Estou certo que os directores das conferências e missões da Divisão já comunicaram este alvo aos obreiros e igrejas, sugerindo os seus planos para que sejam obtidos os seus alvos.

Este esforço exige muito trabalho, sacrifício e, em alguns casos, perseguição. Mas a despeito de circunstâncias proibitivas reconheçamos também as nossas oportunidades sem precedentes na evangelização, no contacto das almas, na sua união com a Igreja que será, desta forma, levada à porta da vitória.

Quando fico a pensar nesta grande campanha de obter membros e ganhar almas sinto apoderar-se de mim a profunda convicção de que a nossa maior necessidade, em todos nós, é maior amor e maior dose do espírito do Deus vivo a fim de nos apoderarmos do poder divino.

É a eficiência do Espírito que permite às agências humanas representar o Redentor na obra de ganhar almas... A cada um que se oferece ao Senhor para serviço, nada retendo, é dado poder para atingir resultados sem medida. Deus comprometeu-se, por eterna declaração, dar poder e graça a todos quantos se santificam pela obediência à verdade... A igreja na Terra, unida à igreja no Céu, pode realizar grandes coisas.

«No dia do Pentecostes, Deus infinito revelou-se em poder à igreja... Os discípulos apoderaram-se do dom concedido e que sucedeu? — Milhares se converteram num dia. A espada do Espírito, novamente afiada com poder, retemperada na luz celestial, cortou o seu caminho através da incredulidade...

«Seremos nós menos solícitos do que foram os apóstolos? Não nos apropriaremos pela fé viva das promessas que os impulsionaram, até à medula do seu ser, instar com o Senhor Jesus pelo cumprimento da Sua promessa «Pedí e recebereis»? (S. João 16:24). Não deve o Espírito de Deus vir responder, hoje, às orações fervorosas e perseverantes e encher os humanos de poder?... Como os discípulos, cheios do poder do Espírito, saíram a proclamar o evangelho, assim os servos de Deus devem avançar no presente... Já muitos estão recebendo o Espírito Santo e o caminho não será mais bloqueado por negligente indiferença...

«Neste tempo, quando está prestes o fim de tudo, não deveria o zelo da Igreja exceder o da primitiva? Zelo pela glória de Deus impulsionou os discípulos a dar testemunho à verdade com grande poder. Não deveria este zelo inflamar os nossos corações com um desejo veemente de narrar o amor redentor de Cristo crucificado? Não deveria o poder de Deus ser até mais poderosamente revelado, hoje, do que nos tempos dos apóstolos?» (*Testemunhos*, vol. 7, págs. 30-33).

Assim deveria ser, de facto. Chegou o tempo na Europa Meridional de nos preocupar gravemente à procura de almas, visto que teremos de prestar contas delas.

Devemos apoderar-nos dos velhos e experimentados métodos e aperfeiçoá-los ao máximo. Devemos

tirar o máximo proveito da Imprensa, da Rádio, da Escola Bíblica por correspondência, da Evangelização por grupos e de todos os meios aparecidos nos últimos tempos. Que ninguém fuja ao cumprimento do dever, pondo de lado qualquer plano elaborado para o êxito da Igreja. Revestidos da energia divina, abramos caminho através das mais fortes barreiras e triunfemos de todos os obstáculos.

DISSIDENTES E DISSIDÊNCIAS

A dissidência ou discordância na Igreja Cristã foi sempre possível. É resultado dos movimentos da alma humana na pesquisa da verdade, na ânsia do melhor ideal, na reprovação do mal.

Da discordância surge a polémica, no meio desta perde-se o domínio próprio, dizem-se coisas que seria melhor calar, cavam-se fossos profundos e separam-se radicalmente pessoas que se poderiam e deveriam entender.

Na União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia criou raízes o bom sentimento de não querer mal a nenhum dissidente que deseje conviver ou regressar à Família Adventista. Nem sequer se alude mais às discussões havidas. Discutiram-se credos, alvítrés; fizeram-se experiências; não deram resultado; pois bem, paciência, regressemos à fraternidade e não se fala mais nisso.

A nossa Organização Mundial decretou que todos os dissidentes só deviam ser reintegrados na Família Adventista por meio de novo baptismo. Mas, sem querer por forma alguma baixar normas ou incorrer em falta de respeito, todas as nossas Congregações portuguesas têm recebido até hoje, sem mais formalidades, o dissidente. Seja sempre bem-vindo à Casa do Advento.

E seja bem-vindo na certeza de que procuraremos sempre compreender melhor a doutrina; estamos sempre dispostos a corrigir os nossos erros, desejamos lutar dentro das regras e direitos denominacionais pela mais pura concepção do Cristianismo e aplicação da justiça de Jesus.

Nós, Cristãos Adventistas, temos de nos entender. Só não se entendem os mundanos que vivem da desunião entre as nações. Não querem entender-se, precisam não se entender. Não é assim a Igreja do Advento. Dentro das suas portas há corações amáveis prontos a dar as boas-vindas a todos os que, durante alguns tempos, andaram ausentes, nas lutas da vida.

Será melhor encaminharmo-nos para a destruição final, para as cenas dolorosas do fim desta civilização corrupta, sem a mínima sombra de zanga ou de má vontade contra qualquer pessoa. Não poderíamos entrar no Reino se fôssemos capazes de guardar zanga contra alguém!

Continuemos, pois, a discutir as ideias e as crenças que pensem brigarem contra a verdade uma vez dada aos santos, mas sem esquecer de orar assim: «Perdoa-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido»!

CAMPANHA DAS MISSÕES

No início do ano, o Conselho da União reuniu-se para votar as actividades de cada Missão e Igreja na União, o número e qualidade da revista a publicar, bem como os objectivos financeiros a obter. De tudo se passou notícia aos dirigentes das Congregações. Não recebemos nenhuma indicação de necessidade de mudar o que ficou estabelecido. Parece-nos, pois, que está tudo a postos para agir.

A estas horas, cada Congregação está de posse das primeiras revistas a serem colocadas. Podem estar certos que temos a quantidade que necessitem para as suas actividades. Resta meter mãos à obra com fé, constância e tenacidade.

Não fará mal frisar alguns pontos muito importantes:

1 — Economia de território — Necessitamos aproveitar todos os cantinhos do território que nos é confiado. Não será demasiado porque Portugal é pequeno. Além disso, convém levar a cada lar um reflexo da Mensagem Adventista. Cidades, vilas e aldeias estão à espera de receber os visitantes adventistas.

2 — Economia nas despesas — Convém planear o trabalho, nas igrejas, com o fim de evitar despesas supérfluas. O dinheiro fez-se para se gastar, mas é necessário que seja bem gasto. Bem planear é economizar tempo, dinheiro e energia. Quantas vezes se notam nuvens de desânimo porque as despesas absorveram quase todo o ganho líquido que deveria ser benefício das missões.

3 — Imediatamente ao trabalho — Satanás tem um truque muito eficiente para evitar uma obra da Campanha com eficiência e resultado. Mete na cabeça de um ou outro membro dos conselhos a «sublime» ideia que é melhor deixar passar mais dois meses, mais um mês, para depois se efectuar o trabalho. Mas esse «depois» é menos seguro do que o «agora». Nada de sofismas! Agora, no momento presente, é que ficou votado realizar a Campanha das Missões. Pois mãos à obra, no momento presente, com as forças presentes, nas condições presentes!

4 — Com a máxima prudência e delicadeza é que este trabalho tem de se fazer. Abordaremos pessoas pelas primeiras vezes que estão desconfiadas connosco. Podemos e devemos, nalguns casos, deixar a nossa revista sem receber nada por ela. Podemos dispor de alguns números para tais casos. Para colher é preciso semear. Também não vale a pena molestar, ferir a sensibilidade de algumas pessoas, sobretudo de conhecidos romancistas que, no seu natural nervosismo, nos poderiam dificultar o nosso trabalho.

5 — Não pedimos, vendemos uma revista, de carácter religioso, que não precisa de censura. Vendemo-la ao preço indicado mas, às vezes, atendendo ao desejo manifesto no leitor pobre, recebemos qualquer importância que ele queira dar e até mesmo lha deixamos gratuitamente. O resultado financeiro obtido, destina-se ao trabalho das nossas Missões.

Tomadas estas precauções verdadeiras e simples e deixadas outras indicações para momento mais oportuno, cremos que a Campanha das Missões em 1948 terá a bênção de Deus, se nos pusermos com energia ao trabalho.

NA NOSSA UNIÃO, EM 1948

Marcos miliários das setentas

Assente a morte de Jesus na Páscoa de 31, ou seja, «na metade da semana» última (Dan. 9:27), tudo leva a crer, embora não tenhamos outra indicação além das possíveis quatro páscoas referidas durante o seu ministério público (João 2:13; 5:1; 6:4; 13:1), que essa «semana» tenha começado três anos e meio antes — pelo Outono de 27.

Por outro lado, adicionando à Páscoa de 31 os três anos e meio da última «metade da semana», atingimos o ano de 34, — ano em que os judeus, perseguindo os cristãos, selam como povo a sua rejeição do Evangelho e em que Saulo, fulminado pela Voz do Divino Perseguido, a caminho de Damasco, é tomado como «vaso escolhido, para levar o Meu nome diante dos gentios» (Act. 9:15).

Para estabelecer a conversão de Saulo em 34, vejamos o que se passa três anos depois. Dispondo-se a deixar Damasco para ir a Jerusalém (Gál. 1:17), é vítima do despeito dos judeus, que o procuram matar, com a conivência do etnarca do rei Aretas. Escreverá ele mais tarde: «Em Damasco, o que governava sob o rei Aretas pôs guardas às portas da cidade dos damascenos, para me prenderem. E fui descido num cesto por uma janela da muralha». (2 Cor. 11:32,33).

Até ao ano 34 Damasco pertenceu a Roma, pois até essa data há moedas da cidade com a efígie de Tibério. Não é natural que Aretas se tenha apoderado dela violentamente, porque o imperador não o teria consentido; nem que a tenha recebido graciosamente, dada a má vontade contra o rei dos Nabateus por parte do imperador, que ordenara a Vitélio, governador da Síria, marchasse com um exército sobre Petra, vindo a ser detida a expedição pela morte de Tibério (Josefo, *Antig.*, XVIII, IV, 1 e 3). Antes de pensar em seguir para Petra, Vitélio teria certamente procurado retomar Damasco, se ela houvesse sido tomada por Aretas, o que não é provável.

É muito verosímil que o imperador Calígula, que subiu ao trono em 18 de Março de 37, e que se comprazia em tomar medidas contrárias à do seu

antecessor Tibério, tenha cedido Damasco a Aretas, do mesmo modo que fez outras concessões a Antioco IV, a Cotys, a Ptolomeu II e a Agripa I. Assim se compreende como, nas moedas de Damasco, se encontre a efígie de Tibério, e não apareçam as de Calígula e de Cláudio, voltando a aparecer a de Nero (1).

Se, pois, como é provável, Damasco só ficou em poder de Aretas na Primavera de 37, a conversão de Saulo, três anos atrás, não pôde dar-se antes de 34.

Também não deve ter ocorrido depois desse ano, pelos motivos que passamos a expor.

Catorze anos depois da acidentada fuga de Damasco, voltava Saulo a Jerusalém (Gál. 2:1; Cfr. Act. 15) para assistir à assembleia, onde ficaria resolvido o procedimento a adoptar com os étnico-cristãos, ou cristãos vindos do paganismo.

Inicia então a sua segunda viagem missionária pela Ásia Menor, Macedónia e Acaia, demorando-se cerca de ano e meio em Corinto.

Não temos elementos que nos permitam determinar a duração exacta dessa viagem de Jerusalém a Corinto, mas nada nos leva a crer, pela leitura de Actos 15 a 17, que tenha sido demorada.

Assim, admitida a conversão de Paulo em 34, adicionando-se-lhe dezassete anos (3 + 14), encontrá-lo-íamos realizando a sua viagem missionária pelo ano 51, se é que os dezassete anos devem ser computados na íntegra (2).

Com efeito, segundo os dados de Act. 18, é por volta de 51-52 que S. Paulo deve ter estado em Corinto.

O apóstolo estabelecia aí laços de íntima amizade com Áquila, recentemente vindo de Roma, («que havia pouco tinha vindo da Itália, e Priscila, sua mulher, pois Cláudio tinha mandado que todos os judeus saíssem de Roma») — (Act. 18:2).

Suetónio refere-se a essa expulsão na célebre e discutida frase: «Expulsou de Roma os judeus que faziam frequentes tumultos instigados por Cresto» (*Cláudio*, 25).

Progresso! Progresso!

«Devemos ter um espírito de progresso. Devemo-nos guardar continuamente de ter vistas, sentimento e acções prefixas. O trabalho de Deus está avançando. Devem-se fazer reformas e devemos aceitá-las e auxiliar o movimento do carro da reforma. Energia, temperada com paciência e ambição e equilibrada por prudência («wisdom»), é o que actualmente necessita cada cristão. O trabalho de salvar almas foi-nos confiado, apesar de tudo, a nós, discípulos de Cristo. Nem um só dentre nós está desculpado. Muitos tornaram-se anãos e estropiados na sua vida cristã por causa da inacção. Nós devemos empregar o nosso tempo, diligentemente, o nosso tempo enquanto estamos neste mundo. Quão entusiastamente deveríamos aproveitar cada oportunidade de fazer bem e de trazer os outros ao conhecimento da verdade! A nossa divisa deveria ser «para a frente e para cima!», certamente, firmemente para a frente no dever e para a vitória» (*Test.*, vol. 3, pág. 540).

por Ernesto Ferreira Director do Seminário Adventista

Osório, que em geral se baseia em fontes dignas de crédito, fornece-nos uma informação que nos permite fixar a respectiva data: «Refere Josefo que os judeus foram expulsos por Cláudio, no ano nono do seu reinado» (*Histor.*, VII, VI, 15). Ora o nono ano de Cláudio decorre entre 25 de Janeiro de 49 e 24 de Janeiro de 50. Lucas podia, com verdade, afirmar que Áquila e Priscila tinham vindo, «havia pouco», para Corinto.

Mas há mais. No fim da estadia do apóstolo nessa corrupta cidade, «sendo Gálio procônsul da Acaia, levantaram-se os judeus concordemente contra Paulo e o levaram ao tribunal». (Act. 18:12).

L. Júnio Gálio, irmão de filósofo Séneca, foi efectivamente procônsul na Acaia. Uma inscrição descoberta em Plateias, onde ele aparece exercendo essas funções, já havia confirmado o testemunho do «médico amado». Outra inscrição, descoberta em 1905, em Delfos, fornece-nos um dado cronológico do maior interesse. Trata-se de uma carta de Cláudio, em que se faz referência a Gálio⁽¹⁾. Apesar de mutilada, dois factos se reconstituem com segurança: ao ser escrita essa carta, Gálio era procônsul da Acaia e estava-se entre a 26.^a e a 27.^a saudação imperial de Cláudio («*Imperator* 26 vezes»).

Por outras inscrições, sabemos que a 27.^a saudação imperial de Cláudio é anterior a 1 de Agosto de 52 e posterior a 25 de Janeiro do mesmo ano⁽²⁾.

Por outro lado, é sabido que o encargo procônsul das províncias senatoriais, como era a Acaia, apenas durava um ano, não sendo provável uma excepção para Gálio que, como nos informa seu irmão Séneca (*Epist.* 104), se dava mal com o clima da Grécia, a ponto de o não deixar a febre.

Assim, podia em 1907 escrever A. J. Reinach: «Este texto (a inscrição de Delfos) fixa definitivamente em 52 a estadia de S. Paulo em Corinto».

Em presença dos factos aduzidos, parece-nos poder-se fixar a data da conversão de S. Paulo em 34. Não antes, porque, passados três anos, governava em Damasco o rei Aretas, e este só deve ter tomado posse da cidade em 37; não depois, porque, passados dezassete anos, ia Paulo a Corinto, onde, após ano e meio de trabalho, comparecia perante Gálio, que ali era procônsul em 52, podendo-se tanto menos retardar essa data, quanto é certo que Áquila, após a expulsão dos judeus em 49-50, se encontrava em Corinto «havia pouco».

(¹) Os dados apresentados neste parágrafo são extraídos do estudo de F. PRAT, sobre a cronologia da idade apostólica, no *Dictionnaire de la Bible*, Supplément publié sous la direction de Louis Pirot, tome I, Paris 1928, col. 1279-1304.

(²) «Três anos acrescentados a catorze podem ser apenas quinze e duas fracções de ano, segundo a maneira de contar então em uso». PRAT, *ibid.*, col. 1287.

(³) Publicada por BOURGET, em *De rebus delphicis imperatoris etatis*, Montpellier, 1905.

(⁴) Ver a sua transcrição em PRAT, *ibid.*, col. 1289.

FUNDO DE CONSTRUÇÕES

por R. GERBER

Tesoureiro da Divisão Sudeuropela

No Conselho de Inverno da Divisão Sudeuropela, em Zurique, Dezembro de 1947, os delegados examinaram e adoptaram um novo plano para alimentar o fundo de construções. Eis o texto (vem publicado na *Revista Adventista*, n.º 46, pág. 13).

Chegou o tempo de pensar a sério na realização deste plano. Todos os nossos membros conhecem, certamente, a urgência de termos mais capelas nos nossos campos.

A Conferência Geral votou para a nossa Divisão os 100.000 dólares indicados nesta resolução. Podemos, pois, repartir esta soma na base das condições propostas: Por cada dólar recolhido na nossa Divisão, nós podemos dar outro tirado desta verba e até à soma de cem mil dólares.

Temos na nossa Divisão uns 25.000 adventistas. Se quisermos beneficiar da verba especial de 100.000 dólares, teremos de reunir outros 100.000, ou seja uma média de quatro dólares por membro.

Estamos convencidos que é possível atingir este objectivo, sem que tenham de diminuir as ofertas habituais para as Missões.

Segundo a resolução, uma colecta especial em todas as nossas Igrejas deve realizar-se com o fim de alimentar este fundo de construções. Esta Colecta realizar-se-á a 12 de Junho na Suíça e provavelmente em outros campos da língua francesa. Esperamos que todos os nossos membros se interessarão muito particularmente por este esforço, trazendo com alegria uma oferta digna das bênçãos recebidas do Senhor, sabendo que tal fundo vai contribuir para a salvação das almas e para o acabamento rápido da obra.

NOTA IMPORTANTE:

Para dar oportunidade a todos os campos longínquos da nossa União, procuraremos fazer em todas as Igrejas uma Colecta Especial no dia 21 de Agosto, Sábado. Para Portugal, suas ilhas e colónias, podem vir 4.800 dólares, se formos capazes de obter a mesma soma durante este ano — 120.000 escudos. Isto faria um total de 240 contos, o dinheiro indispensável para construir duas capelas simples ou uma melhor, em local conveniente. Necessitamos, todos nós os Obreiros e Directores de Congregação, pensar, orar e trabalhar, para que a Colecta de 21 de Agosto seja, na medida do possível, alguma coisa de substancial.

Além disso, deveremos continuar as nossas colectas habituais para esse fundo e nas Igrejas, onde elas se não fazem com regularidade, é necessário estabelecê-las, de harmonia com o voto do Conselho de União.

No seu devido tempo, já lá vão nove anos, foi a nossa atenção chamada para o artigo abaixo indicado. De forma geral, não o achámos mal redigido, não encontrámos nele nenhum nome feio contra a nossa Igreja e ficámos calados. Numa revista romanista, não poderíamos esperar encontrar concordância para as nossas doutrinas. Quem tem o monopólio do cristianismo é a Igreja de Roma e é preciso andar com muito juizinho, sempre de acordo com o que dizem os senhores abades, caso queiramos ir para o Céu. Enfim, o facto é que ficámos calados perante as afirmações dos dois artigos do sr. Homem do Carmo. Parece que a *Brotéria* contou, de uma vez para sempre, com a nossa benévola paciência e, nove anos depois, desata a berrar contra o Adventismo, chamando-lhe «avariado» e dando rodas de «amasiadados» e «comunistas» aos seus componentes. Pois bem, se assim é, temos de dizer ao nosso Homem que também disse coisas muito discutíveis, nos seus artigos, embora lhe devamos gratidão por não empregar insultos e até — quem tal diria! — elogiar, de vez em quando, as actividades adventistas.

quantos têm a ousadia de expor as suas opiniões religiosas (desde que não comunguem no romanismo), em livros heterodoxos mas «sobretudo» quando difundem a «Bíblia protestante»... E que pena que a Feira do Livro permita essa propaganda prejudicial — aos interesses da Igreja Romana, já se vê — essa difusão da Bíblia, a preço acessível. Só em Lisboa, «de Lisboa», é que estas coisas se vêem!...

Valha-te Deus, Homem.

Essas coisas não se escrevem, porque não são correctas.

Na minha pequena e pobre biblioteca tenho Bíblias saídas das mais variadas Igrejas ou casas editoras de vários matizes cristãos. Entre elas, figuram Bíblias publicadas pelos Romanistas. Algumas excelentes, na sua tradução livre. Indistintamente me sirvo de umas e de outras, sempre que seja preciso ouvir o conselho de Deus. Os tradutores podem enganar-se e quando suspeitemos da tradução julgo que nenhuma Igreja Cristã nos levará a mal que procuremos, nas línguas originais, obter um sentido mais correcto. Mas, de forma geral, todos os tradutores dão o melhor do que podem e sabem.

nós e a *Brotéria*

Ora vamos, pois, examinar o primeiro artigo do sr. Homem.

1 — Lastima a quantidade de livros heterodoxos publicados no nosso país e vá de apontar, entre eles, a Bíblia:

«... sobretudo da Bíblia protestante, que se estadeia à luz do dia, na Feira do Livro, de Lisboa.»

Aqui há erro. Bíblia protestante? Precisaríamos de perguntar ao Sr. Homem o que entende por Bíblia protestante: Bíblia inventada, escrita, pelos protestantes? Isso seria um erro tão grave, revelaria tanta ignorância, que desde já absolvemos o articulista. Sabem todos os colaboradores e até leitores da *Brotéria* que a Bíblia é o livro santo de todas as Igrejas Cristãs, cuja compilação sobe muito longe e vai direita ao tempo de nosso Senhor, ao Velho Testamento do povo israelita. Mas se o articulista sabe estas coisas, por que razão escreveu «Bíblia protestante»? Agitar as águas turvas, torná-las mais turvas ainda para que o «peixe» não possa ver a luz da verdade... Não adquiras essa Bíblia: é protestante...

«Sobretudo»: Palavrinha blasfema na pena de um cristão, seja qual for a Igreja a que pertença. Palavrinha blasfema na pena de um devoto crente no Vaticano, donde saiu aquela encíclica de Bento XV — *Spiritus Paraclitus* — que só por si bastaria para redimir Roma de todas as que escreveu proibindo a sua leitura em língua vernácula. Então a Bíblia Sagrada é um livro heterodoxo? Fazem mal todos

Há apenas uma pequena nota triste na aquisição destas Bíblias. Sempre que adquiero uma Bíblia de casa católica tenho de a pagar por um preço cinco, seis e sete vezes maior do que as Bíblias editadas pelos protestantes! Dir-se-ia que ou estão na dependura os romanistas ou têm pouca vontade em tornar pública a Palavra de Deus! Que se tem feito em Portugal, entre os romanistas, para a difusão das Sagradas Escrituras? Nada.

Pois fiquem sabendo que, no dia em que uma casa editora portuguesa, mesmo romanista, publicar a Bíblia, ao mesmo preço ou a preço não muito mais elevado do que a Sociedade Bíblica Britânica, todos os evangélicos portugueses lá irão buscá-las. A melhor maneira de acabar com a sucursal inglesa é publicar a Bíblia, a preços acessíveis, por uma sociedade portuguesa.

Sempre a nota de má vontade contra a difusão da Bíblia!

Mesmo para defesa do credo de Roma, teriam toda a vantagem em na ler! O Protestantismo desenvolver-se-á justamente porque o romanismo não lê a Bíblia e os seus ministros não a sabem manusear em defesa do seu credo.

2 — «Uma das seitas mais activas em colher adeptos é a dos Adventistas do Sétimo Dia.»

Muito obrigado pelo elogio! Não ficamos envaldecidos porque temos a certeza de que, infelizmente, nem isso é verdade.

3— Mais uma citação elogiosa extraída do Jesuíta P.^o Camilo Crivelli:

«... Nenhuma outra denominação cristã que se lhes possa comparar pelas somas dispendidas e pelo número de missionários enviados a terras não-cristãs.»

Ficamos confusos com tamanho elogio! Aqui o deixamos ficar com os nossos melhores agradecimentos e para contento dos nossos irmãos Adventistas. Por certo que os Jesuítas, se quisessem, fariam melhor do que os Adventistas; bastaria empenhar nesse sentido o seu muito saber, a sua proverbial habilidade e pecúnia.

4— Mas, segundo o articulista, em Portugal nada poderão fazer porque — «Portugal é um país cristão.»

Prouvera a Deus que fosse verdade. Com franqueza, será sincera a declaração do articulista? Como as opiniões mudam! Na nossa humilde opinião, Portugal é um país onde predomina o indife-

lhes vai fazer prejuízo? Nós, se estivéssemos nos vossos casos, dormiríamos à vontade e quando acordássemos era para nos rirmos uns com os outros. E então essas «almas simples, privadas de formação moral e religiosa», donde saem elas? Ou da Igreja de Roma, e isso só mostra que o seu ministério está a dormir, ou de fora do aprisco romano e, neste caso, porque o mesmo ministério com elas se não preocupa. Os Adventistas podem servir, ao menos, para estimular o zelo do ministério romano.

7— Quem vai aos Adventistas ouvir os sermões ou cantar... «não constitui um escol capaz de se impor pelo seu valor e, não raro, alenta-os a esperança de recurso pecuniário para as suas dificuldades financeiras.»

Uma grande verdade esta: não somos um escol capaz de se impor pelo seu valor. Lá isso não somos. Damos o que temos e pensamos que não podemos ser obrigados a mais. E depois de feito o que pode-

Análise ao artigo de **A. Homem do Carmo**, na **Brotéria**, vol. 28, de 1939

rentismo religioso, onde o cristianismo roça pelo paganismo mais grosseiro e que necessita de ser cristianizado. A ignorância da própria doutrina romana é mais do que pasmosa, nas fileiras dos comungantes domingueiros.

5— Mais outro elogio: «Não se ocupam só com a vida religiosa dos seus membros e catecúmenos; atendem também, e com solicitude esmerada, ao bem-estar material e à instrução, servindo-se deste expediente para captar os indivíduos nas malhas dos seus ensinamentos.»

Com a máxima sinceridade, nunca me dei conta de tanta solicitude e já vai para quarenta anos que vivo no meio. O que sei, aprendi-o à minha custa ou à custa dos meus. A educação de meus filhos custa-me bons escudos. Mas, enfim, talvez seja verdade: o mundo é vasto e há adventistas por toda a parte. De qualquer forma, muito obrigado pela elogiosa referência.

A rede educativa adventista não pode causar receios a católicos. Faz-se o que se pode.

6— Não vão ter êxito em Portugal os adventistas. «Não serão coroados de êxito»... «as conquistas de que blasonam devem atribuir-se não tanto a defecções quanto ao desamparo de almas simples, privadas de formação moral e religiosa ou à penúria da vida que arrastam.»

Pois, ficamos tristes se assim é. E por que se preocupam então com uma Igreja Cristã que não

mos, na nossa humildade, ficamos muito reconfortados com o pensamento de que pertencemos ao mesmo «escol» onde Jesus foi buscar os seus Apóstolos: ao pé descalço, aos pescadores da ribeira. E ficamos capacitados de que, da mesma maneira como se enganaram os sacerdotes e pontífices da Roma Imperial quando consideravam a humildade dos cristãos, também o sr. Homem e os actuais sacerdotes e pontífices da Roma Papal se podem vir a enganar.

Sobre a pecúnia que os nossos irmãos pobres vêm buscar às congregações adventistas, nem aquece nem arrefece. Isto lhe dizemos nós que estamos mais ao par das coisas desta sua casa adventista. E temos pena que assim seja. Lá pelas Congregações vossas não há ninguém que se faça, nestes tempos, muito fervoroso na Fé, com mira no empregozinho? O se há, segundo ouvimos dizer... Já com Cristo aconteceu a mesma coisa. Enquanto dava pão e peixe não lhe faltaram amigos. Por isso, admitindo que o sr. Homem fala verdade, cá e lá e por toda a parte é o mesmo. Não é argumento plausível.

8— E esta: «As exigências morais de qualquer seita protestante sempre são mais condescendentes do que os preceitos da moral católica.»

Então será verdade? A nós afigura-se-nos que nem no presente nem no passado histórico se pode defender esta afirmação. Em questões de moral, já o dissemos, não gostamos de nos meter pela convicção que temos de que, entre vós como entre todos os

cristãos, todos procuram fazer o melhor que podem e, de homem para homem, a diferença não é de metro nem de palmo. Bem, poderíamos dizer mais qualquer coisa, ir rabuscar dados à história desavergonhada de Portugal — há um livro desses nos escaparates dos nossos livreiros — e provar que é falsa esta afirmação. Mas como o sr. Homem se tem mostrado tão gentil connosco, não queremos ser menos gentis com ele. E tanto mais que, segundo diz, «os protestantes são mais condescendentes».

9 — Miller estudou os Livros Sagrados com afinco, sob a imediata inspiração do Espírito Santo... «Leu muito e reflectiu mais ainda»... «assentou a princípio de que todas as profecias relativas ao Messias se deviam cumprir à letra. Como, porém, muitas se não realizaram na primeira vinda de Jesus Cristo, deduzia que a sua efectuação seria completa na segunda vinda ou advento do Senhor.»

Não ficamos bem a compreender se o autor concorda ou discorda destes actos de Miller e das suas deduções. Parece-nos que toda a gente cristã concordará que fez bem em ler com afinco e sob a imediata inspiração do divino Espírito os Livros Sagrados. E, sobre as profecias, foram elas dadas por Deus para serem cumpridas ou apenas para vista?

Sublinharemos um pensamento: Os Livros Sagrados examinados por Miller de certeza, na protestante América, não podiam ser outros que a tal «Bíblia protestante». Vejamos como a verdade nada acima do erro! Agora já a protestante Bíblia toma o aspecto de «Livros Sagrados». Pois está claro que outra coisa não é.

«Ler muito a Bíblia e reflectir muito mais ainda» eis a nossa maior necessidade como cristãos.

10 — Quando começou as suas pregações... «logo se congregaram à sua volta ouvintes em barda, exactamente como quando um charlatão se ergue numa feira a pregar às multidões.»

Esta frase é muito pouco feliz. Não teria sido escrita se o autor se desse ao incómodo de ler algumas obras de contemporâneos, de membros das congregações de Miller, dos que foram até prejudicados na prática das doutrinas por ele pregadas. Todo o ministro cristão, inclusive os romanistas, quando se ergue na tribuna sagrada, cumpre a verdadeira missão de Cristo se prega o Evangelho e nenhum cristão que se preze pode compará-lo a um «charlatão». Que me desculpem os honestos vendedores das feiras a quem vulgarmente chamam aquele nome depreciativo. Vou confessar-lhes uma particularidade: tenho ouvido muitos apresentar em público, homens e mulheres, os seus artigos e, ao retirar-me, tenho de dizer no fundo da consciência: «o que falta a quase todos os ministros cristãos é o entusiasmo e a habilidade destes trabalhadores em se aproximar das massas populares e convencê-las da necessidade e utilidade do Evangelho».

Mas mesmo que as tivessem! Só os ministros de Roma teriam a liberdade de exercer tais qualidades. Nós, os adventistas, de certeza não teríamos. Foi proibido aos propagandistas das Bíblias apresentá-las nos lugares públicos. Quanto mais aos mi-

nistros o pregar o Evangelho. Explico as circunstâncias e nem por sombras as critico. Não há licença, pois muito bem, manda quem pode.

11 — Deu-se a divisão dos Adventistas e apareceram os Adventistas do Sétimo Dia que têm feito um grande trabalho «graças aos recursos financeiros de que dispõem e aos métodos de propaganda que empregam».

Muito obrigado por mais este elogio. Mas olhe que está enganado. «Recursos financeiros de que dispomos»? Com certeza está enganado. Queira fazer a fineza de ver que lho diz quem sabe o que tem e o que se passa. Ah! se nós pudéssemos receber ajudas, como é do domínio público, que outros recebem. Bastava-nos só, para alguns anos de actividade missionária produtiva, o que se gastou na peregrinação a Roma, por alturas da canonização de S. João de Brito. Ouvimos falar ou lemos que houve uma modesta ajuda de dez mil contos. Com certeza, um dos maiores milagres jamais feitos por aquele santo. Que lhes tenha feito bom proveito e nem por sombras queremos pensar que foi dinheiro mal empregado. Com esse dinheirinho dado pelo mesmo benfeitor mantínhamos nós as nossas actividades missionárias nas colónias portuguesas durante dez anos. Que a graça de Deus não nos falte.

«Métodos de propaganda»? Nada de especial. Tudo à vista. Se lhes serve algum, nós não fazemos segredo e teremos muito prazer em lho explicar.

12 — Depois refere-se às visões da Irmã White e afirma que um certo Dr. Russel declarou que «são resultado de um organismo enfermo, do estado da sua mente e sistema nervoso».

Quer que concordemos com essa explicação?

O Dr. Russel diria a mesma coisa de todas as santas da vossa Igreja que tiveram visões, tiveram a honra de ser estigmatizadas, numa palavra, fizeram as mesmas coisas que a nossa Irmã White e outras ainda tiveram coisas mais esquisitas, se é verdade tudo quanto vós dizeis dos vossos santos e santas.

Vamos agora dizer que tudo quanto vem nos vossos livros foi fruto de «organismos doentes», de «estados de mente e sistema nervoso»?

O Dr. Russel que diga o que quiser. Nós que somos cristãos, embora de confissões diferentes, é que não podemos repetir palavras tendentes a negar as manifestações sobrenaturais do além.

Quando uma pequena estátua que dizem ser a Nossa Senhora da Fátima, precisa de quatro para se mover e faz tanta coisa milagrosa que até ia convertendo duas pombinhas, vamos nós agora dar fé às palavras de um médico materialista? Isso é lá consigo, sr. Homem.

13 — Várias vezes insiste nas avultadas somas» de que dispõem os adventistas e até cita o nosso *Year Book* de 1931 em que vem o resultado das vendas de livros, uns 4.002.774 dólares.

Está bem que se vendesse aquela soma de livros. Mas eles deviam ter custado dinheiro. Não vieram

do Céu. Logo veríamos o total muito minguado. Não tenha ilusões, meu amigo. Durma descansado. O que impede aos adventistas lançar uma obra missionária de envergadura é a falta dessas «avultadas somas».

14—E para findar, queixa-se de que fizeram tentativas para obter informações sobre a nossa actividade em Portugal mas ficaram malogrados. «Dir-se-ia que temem trabalhar às claras».

Está enganado redondamente. Onde se dirigiu para tomar essas informações? Queira pegar na sua Bíblia Católica, venha até esta sua casa e verá como tudo lhe explicaremos. Começaremos por explicar o

nosso credo e acabaremos por explicar o pouco que estamos fazendo para esclarecer o mundo sobre a luz — concordamos que seja fraquinha, mas quem dá o que tem e pelo preço que nós damos a nossa... — do Evangelho.

De uma forma geral, declaramos que o artigo do sr. Homem do Carmo revela uma vontade de acertar que muito o honra e foi pena que o sr. A. Veloso não lhe tivesse seguido o exemplo.

A. DIAS GOMES

QUAL É O ASSUNTO MAIS IMPORTANTE PARA A IGREJA ADVENTISTA?

Teremos êxito na vida e conseqüente felicidade se pudermos, sempre e em todas as coisas, destrinçar o importante do trivial, o primacial do secundário. Nada obteremos de positivo enquanto não fecharmos os olhos, desviarmos a energia, do inútil, do indiferente, e os fixarmos no útil, no proveitoso, no essencial.

Somos membros da Igreja Cristã, sacrificamos tempo e dinheiro na vida religiosa e, no caso dos ministros, fazemos da evangelização a nossa carreira normal. Ora qual deve ser, então, a primacial preocupação nossa, quer pertençamos à grei quer sejamos do exército em operações religiosas?

Deixando de lado a fundamental preocupação de nos salvarmos individualmente pelo conhecimento e prática da verdade, o assunto mais importante para um adventista é: «Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura; quem crer e for baptizado será salvo» (S. Marcos, 16:15-16).

«Ir por todo o mundo» e «pregai o Evangelho a toda a criatura» são meios para atingir um determinado fim: «criar a fé» no espírito do ouvinte e levá-lo «ao baptismo», sem o qual «não se salvará»! O que mais importa à Igreja, depois de abrir centros de evangelização, de gastar dinheiro e energias na fixação de ministros e da engrenagem missionária, é trabalhar espiritualmente com as almas e levá-las a salvar-se, entrando na Igreja pelo baptismo.

Tudo quanto seja dito e feito, com verdade ou mentira, que possa causar dificuldades na entrada das almas na Igreja, pelo baptismo, causa prejuízo eterno e deve ser banido inexoravelmente. É lastimável, por exemplo, que surjam pecados e faltas dentro do corpo da Igreja, mas é ainda mais lastimável que outros façam o escândalo baseados nas mesmas faltas e pecados. Nem sempre é o pecador quem causa o escândalo! A censura à imprensa assim o compreendeu em Portugal, onde os jornais não podem publicar relatos circunstanciados de crimes. Os criminosos tinham delinquido mas, sem esta

medida, os jornais eram os propagadores do escândalo, com as respectivas conseqüências desastrosas no espírito humano. Na última assembleia internacional sobre a liberdade da imprensa, ficou assente que seriam evitadas todas as notícias exageradas, derrotistas, causadoras de pânico, tendenciosas, pelo grande mal criado no espírito do leitor.

Apliquemos à Igreja o mesmo princípio. O que importa à Igreja é «ganhar almas», «salvar almas» e nunca poderemos dizer que está uma alma ganha ou salva se não «FOR BAPTIZADA». Logo os baptisos são o que há de mais importante na vida da Igreja e é para esse objectivo que o corpo dos crentes dá dízimos e ofertas. Tudo o resto é secundário embora mais ou menos importante.

Quando Elias, cansado, deitado por terra, sem ideia produtiva, desejoso de morrer, ouviu aquela pergunta divina: «Que fazes aí»? Ele, tão enérgico, tão produtivo, deu uma resposta evasiva! Sinceramente, devia ter respondido: «Deixa-me em paz, não me incomodes, pois nem faço nada nem quero fazer nada». Mas deu a resposta vulgar dos preguiçanas e falhados: «Fui muito zeloso!» isto é: «meti-me onde era chamado e até onde não era chamado». Se fosse hoje diria: «Tenho sido muito zeloso, muito espiritual, muito crente no Espírito de Profecia e não posso crer em novos métodos de trabalho, a não ser pregar Cristo crucificado!»

Pois na União Portuguesa não será preciso graves preocupações nem esforços exagerados para se obterem os baptisos indispensáveis, já indicados, de forma a bafermos o passo com as instituições congêneres na nossa Divisão.

Sabemos que na Hungria já fizeram no primeiro trimestre 506 baptisos dos 1.600 que se propuseram. Na Checoslováquia marcham para um êxito retumbante.

Esperamos que na União Portuguesa, durante o verão, cada Obreiro se prepare para obter o seu objectivo!

SEMANA DA PRECE

Leitura para Sábado, 13 de Novembro

NA HORA DO JUÍZO

POR MRS. E. G. WHITE

No ministério do tabernáculo terrestre, que serve «de exemplo e sombra das coisas celestiais», o santíssimo era aberto só no grande dia das expiações, dia típico do juízo, separado para a purificação do santuário. Logo as palavras «O Templo de Deus abriu-se no Céu e foi vista no seu Templo a arca do seu concerto» indicam a abertura do lugar santíssimo do santuário celestial, no fim dos 2.300 dias — em 1844 —, quando Cristo ali entrou para realizar o trabalho final das expiações...

O santuário no Céu é o próprio centro do trabalho de Cristo em favor dos homens. Importa, pois, a cada habitante do mundo. Abre os horizontes sobre o plano da redenção, leva-nos até mesmo aos fins dos tempos, revela a conclusão triunfante da controvérsia entre justiça e pecado...

O juízo está agora em curso no santuário celestial. Há mais de 60 anos — agora há mais de 100 anos, porque esta frase foi escrita em 1905 — este trabalho está em progresso. Em breve — ninguém sabe mesmo quanto breve será — passará a considerar o caso dos vivos. Na soleníssima presença de Deus, as nossas vidas estão para ser revistas. Neste tempo, mais do, que em qualquer outro, importa prestar atenção à admoestação do Salvador, «Vigiai e orai: porque não sabeis em que tempo acontecerá». «Se não vigiardes, virá sobre vós como ladrão e não conhecereis a que hora virá sobre vós».

Quando o trabalho do juízo investigativo terminar, o destino de todos estará decidido para a vida ou para a morte. A prova terminou um pouco antes da aparição do Senhor nas nuvens do Céu. Naquele tempo, Cristo há-de declarar: «Quem for injusto, seja injusto ainda; e quem é sujo, suje-se ainda; quem é justo, seja justo ainda; quem é santo, seja santo ainda. Eis que presto venho e a minha recompensa está comigo para dar a cada homem, consoante a sua obra».

Os justos e os ímpios ainda estarão vivendo na Terra no seu estado moral — os homens estarão plantando, edificando, comendo e bebendo, inconscientes em absoluto sobre a decisão final e irrevogável pronunciada no santuário celestial. Antes do dilúvio, depois de Noé ter entrado na arca, Deus fechou-o lá dentro, e os ímpios ficaram de fora; mas durante sete dias o povo, não sabendo que a sua destruição estava fixada, continuou a vida normal, descuidada, inclinada aos prazeres e zombava dos avisos sobre um castigo iminente. Disse Jesus: «Assim será na vinda do Filho do homem». Em si-

lêncio, despercebido como ladrão à meia-noite, virá a hora decisiva que marca o destino imutável de cada homem, a final suspensão do oferecimento de misericórdia aos pecadores.

«Vigiai, pois... não venha súbitamente e vos encontre dormindo». Perigosa é a condição dos que, cansados da sua vigília, se voltam para as atracções do mundo. Enquanto o homem de negócios está absorvido na perseguição ao ganho, enquanto o amante de prazeres anda à procura de gozo, enquanto as admiradoras da moda procuram os enfeites — pode bem ser que, naquele mesmo momento, o Juiz de toda a Terra pronuncie a sentença: «Foste pesado na balança e achado em falta» (1).

Que espécies de pessoas

Quão preciosos, quão importantes são estes momentos solenes! Cada um de nós tem a sua questão dependente dos tribunais celestiais. Nós estamos para ser julgados, segundo os actos praticados no nosso corpo. No serviço típico, quando o trabalho da expiação era realizado pelo sumo-pontífice, no lugar santíssimo do santuário terrestre, exigia-se do povo que afligisse as suas almas diante de Deus, confessasse os seus pecados, para que pudessem beneficiar da expiação e ser eliminados. Será possível que menos do que isso seja requerido de nós neste dia atípico das expiações, quando Cristo no Santuário Celestial está pleiteando em favor do Seu povo e a decisão final, irrevogável, está para ser pronunciada sobre cada caso? (2).

O interesse eterno de cada pessoa exige que investigue o seu próprio coração e melhore toda a faculdade que Deus lhe deu. Lembrem-se todos de que não existe motivo no coração humano que o Senhor veja com nitidez. Os motivos de cada um são pesados tão cuidadosamente como se o destino do agente humano dependesse exclusivamente deste resultado... Deus no Céu é verdadeiro e não há designio, embora intrincado, nem motivo, embora cuidadosamente escondido, que Ele não compreenda com clareza. Ele lê os secretos planos de cada coração. Homens haverá que planeiem acções inconfessáveis para o futuro, pensando que Deus não compreende; mas naquele grande dia, quando forem abertos os livros e cada ser humano for julgado pelo que neles estiver escrito, essas acções aparecerão tais quais elas são...

1948

A norma do julgamento

Há muitas pessoas que necessitam considerar as palavras «Tekel: foste pesado na balança e achado em falta». A Lei de Deus, eterna, imutável, santa, é a norma pela qual cada homem deve ser julgado. Esta lei define o que devemos fazer e o que não devemos fazer, pois diz «farás» e «Não farás». Esta lei resume-se em dois grandes princípios: «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de toda a tua mente; e ao teu próximo como a ti».

Estas palavras significam o que elas dizem. Ó! quão poucos estarão preparados para enfrentar a lei de Deus no grande dia do juízo! Se o trabalho de preparação individual que Deus reclama fosse executado no círculo familiar, na igreja, quanto sofrimento e pecado seriam evitados!

Meus irmãos, dia e noite, e especialmente durante a noite, este assunto foi-me apresentado. «Tekel: foste pesado em balanças e achado em falta». Qual a nossa posição, neste momento, perante Deus? Podemos ser sinceros, no entanto estar muito enganados. Saulo de Tarso era muito sincero e, contudo, perseguia a igreja de Cristo. «Na verdade pensei — declarou ele — que devia fazer muitas coisas contra o nome de Jesus». Era sincero na sua ignorância. Mas depois que Cristo lhe foi revelado, declarou ele também: «Tudo o que para mim era ganho considerei como perda por Cristo. Por certo, conto todas as coisas como perda pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor».

Se não formos limpos pelo sangue de Cristo ficaremos, por isso mesmo, em falta. Sabemos que não há nenhum ser humano, por mais zelosamente que se tenha esforçado em fazer o melhor possível, que possa dizer: «Não tenho pecado». Quem dissesse assim, estaria em perigoso engano. «Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos e a verdade não está em nós». Como poderemos, pois, evitar a acusação: «Foste pesado em balanças e achado em falta»? Temos de olhar para Cristo. A preço infinito Ele alcançou ser nosso representante nos tribunais celestes, nosso advogado diante de Deus.

Pesado em balanças e achado em falta. O ser humano, aferido pela santa lei de Deus, tem de ser achado em falta. Somos iluminados pelos preceitos da lei, mas nenhum homem pode ser justificado por eles. Pesado e achado em falta é a nossa condição natural. Mas Cristo é nosso Mediador e, se O aceitarmos como nosso Salvador, podemos reclamar o cumprimento das Suas promessas, «Sendo justificados pela fé, temos paz com Deus, por Cristo Jesus nosso Senhor» (3).

Pecado é a transgressão da lei e não é a grandeza da acção, em iniquidade, que a caracteriza como pecado. Adão e Eva foram proibidos de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal. A

prova era leve mas o acto de desobediência a Deus era a transgressão da Sua lei.

Os pequenos pecados que os homens pensam de carácter tão trivial que por eles não podem ser condenados, são muito ofensivos aos olhos de Deus. Dirá alguém: «És demasiado severo, deve permitir-se a qualquer ser humano pequenos defeitos de carácter como este». Ouçamos as palavras de Cristo: «Todo o que guardar toda a lei mas deslizar num só ponto, tornou-se culpado de toda». Há pessoas que se aventuram a cometer pecados que são graves perante Deus e pensam que não serão chamados a responder por eles, porque alegam tê-los cometidos sob impulso nervoso ou temperamento peculiar; com estas palavras estão, apenas, a sossegar a consciência e gritam «Paz, paz», quando não há paz. Pecado é pecado, e é uma artimanha de Satanás considerá-lo sob qualquer outro aspecto diferente do da gravidade.

Podemos lisonjear-nos de que estamos libertos de muitas coisas de que outros são culpados, mas se tivermos firmes aspectos de carácter e um só ponto fraco ainda há comunhão entre a alma e o pecado. O coração está dividido no seu serviço e diz: «Parte para mim, parte para Ti». O filho de Deus deve procurar libertar-se do pecado acariciado e indulgentemente praticado e permitir que Deus o extirpe do seu coração. Deve vencer esse mesmo pecado único; porque não é assunto trivial perante Deus.

Algum outro dirá: «Eu não sou nada ciumento, mas, quando provocado, digo coisas infelizes, das quais me arrependo quando passa a cólera». Outro dirá: «Tenho esta ou aquela falta, mas aborreço esta ou aquela baixeza que se manifesta em certa pessoa das minhas relações». O Senhor não nos deu a lista de pecados degradantes para que possamos chamar a outros de pequena consequência e dizer que tais pecados pouco mal fazem perante outros de maior grandeza e provocadores de maiores desastres. Uma cadeia não é mais forte do que o seu mais frágil elo. Podemos dizer que a cadeia é boa no conjunto, mas se tiver um elo fraco não podemos ter confiança na mesma. A tarefa de obter a vitória pessoal deve ser estudada por cada alma que entre no reino de Deus. Essa palavra impaciente a saltar dos vossos lábios deve ficar sem ser pronunciada. Esse pensamento, segundo o qual o vosso carácter não é estimado na justa medida, deve ser desarraigado de vós, porque enfraquece a vossa influência e aniquila o resultado seguro, tornando-vos menos apreciado na mente dos outros. Deveis vencer a ideia de que sois um mártir e apropriar-vos da promessa de Cristo que diz: «A minha graça te basta» (4).

Um apelo a completa consagração

Ó! que uma impressão correcta possa ser exercida nas mentes dos novos e velhos, com respeito à excessiva pecaminosidade do pecado! Ó!

que todos pudessem compreender bem quão ofensivo é o pecado perante Deus e quão prejudicial à humanidade. A palavra de verdade declara: «Estai certos de que os vossos pecados vos perderão». O verdadeiro carácter de cada acto da vossa vida há-de ser conhecido. Pode mesmo acontecer que, nesta vida, pela providência de Deus, qualquer circunstância inesperada descubra as vossas más acções secretas; mas ainda que alcanceis esconder o vosso carácter real, perante os olhares humanos, haverá o dia inevitável da revelação reservada para quem se não arrepende dos seus pecados e não abandone todo o mal pela força de Cristo, que morreu para que possamos viver. As Escrituras declaram: «Deus há-de trazer a juízo toda a obra, mesmo as coisas secretas, quer sejam boas ou más». Não há sombra de dúvida sobre este assunto. Todo o pecado de que não nos arrependemos ou não abandonamos, não será perdoado nem apagado dos livros de memórias, mas há-de permanecer e testemunhar contra o pecador no dia de Deus (5).

Permaneçais vós no fundamento estabelecido por Cristo? Tendes vós fé n'Aquele que foi feito para nós «sabedoria, justiça, santificação e redenção»? A Sua palavra é verdadeira e exige que todos quantos n'Ele crêem santifiquem a alma, o corpo e o espírito. Santificação é a medida da nossa perfei-

ção. No momento em que nos submetemos a Deus, acreditando n'Ele, teremos a sua justiça. Compreenderemos, então, que fomos resgatados do pecado e apreciaremos o sacrifício feito para comprar a nossa liberdade... Cristo pede um culto proveniente de um coração indiviso — o uso inteiro da mente, da alma, do coração e força. Quando fazemos esta submissão, Cristo faz descansar a nossa mente e consagra as nossas mãos e mentes ao Seu serviço. A Sua sabedoria dá-nos vida espiritual e permite-nos manifestar amor por Deus e pelo próximo. Revelaremos a Sua graça em nossos caracteres, porque temos a Sua vida. Cristo apresenta-nos sem mancha perante o Pai; porque somos santificados no Seu sangue. Somos purificados das obras mortas; porque Jesus toma posse da alma santificada, para renovar, sustentar e guiar todos os seus impulsos; e dá vitalidade aos seus propósitos. Assim nos tornamos templos onde habite o Espírito (6).

(1) *Review and Herald*, Novembro 9, 1905.

(2) *Ibidem*, Março 22, 1887.

(3) *Ibidem*, Março 8, 1906

(4) *Ibidem*, Agosto 1, 1885.

(5) *Ibidem*, Março 27, 1888.

(6) *Ibidem*, Julho 25, 1899.

Leitura para Domingo, 14 de Novembro

É TEMPO DE NOS PREPARARMOS

POR MEADE MacGUIRE

«Vi que o remanescente não estava preparado para o que viria sobre a Terra. Um pasmo, como letargia, parecia ter invadido as mentes da maioria daqueles que professavam crer que nós estávamos tendo a última mensagem. O meu anjo companheiro gritou com tremenda solenidade: «Preparai-vos! Preparai-vos! Porque a terrível cólera do Senhor está para vir em breve. A sua ira está para ser lançada, sem mistura de misericórdia, e vós não estais preparados. Rasgai os vossos corações e não os vossos vestidos. Um grande trabalho deve ser feito pelo remanescente» (*Early Writings*, pág. 119).

Acreditamos, sem dúvida, que a vinda de Jesus está muito perto. Ouvimos falar muito acerca dos admiráveis progressos da mensagem e entusiásticas experiências nos campos missionários que mostram como Deus está neste trabalho. Parece bem patente que muitos pensam que, se nós tivéssemos um maior exército de obreiros, mais escolas, mais casas publicadoras, mais instituições médicas, mais dinheiro para as manter, poderíamos mais depressa terminar a obra e estar prontos para a vinda do Senhor.

Mas o problema real não é o das finanças nem o dos obreiros ou instituições, mas sim o de mais poder de Deus. Teoricamente todos reconhecemos que será pela poderosa acção do Espírito Santo ou pela chuva da última estação que a obra se termi-

nará. Mas aparentemente muitos não percebem como virá a última chuva nem as condições que devemos arranjar para sermos canais desta manifestação divina.

Pensamos na experiência dos discípulos quando o Espírito veio com um som semelhante «a um vento impetuoso» «e todos foram cheios do Espírito Santo». Temos de ponderar porque é que a manifestação do Espírito é tão tardia nos nossos dias. A razão dessa demora foi explicada de maneira definitiva pela serva do Senhor.

«Não é devido a nenhuma restrição da parte de Deus que as riquezas da Sua graça não são derramadas sobre os homens. A Sua graça é da Sua essência. Deu com liberalidade que os homens não apreciam porque não gostam de receber. Se todos desejassem receber, todos seriam cheios do Espírito. Ficando contentes com pequenas bênçãos, desqualificamo-nos para receber o Espírito na sua ilimitada quantidade completa. Nós facilmente nos satisfazemos com uma pequena ondulação da superfície, quando é nosso privilégio esperar uma profunda vaga do Espírito de Deus. Esperamos pouco, recebemos pouco... Quando o Espírito Santo desceu no dia do Pentecostes, foi como vento forte e impetuoso. Não foi dado em medida restrita; encheu toda a casa onde estavam os discípulos. Assim nos será dado

quando os nossos corações estiverem preparados para o receber» (*Review and Herald*, 10 de Junho de 1902, pág. 8).

Se a completa significação desta frase penetrasse nos nossos corações, certamente nos sobresaltariamos e acordaríamos. O mundo corre loucamente para a sua destruição; todo o universo está olhando com interesse sem medida, consoante nos aproximamos da hora do juízo de Deus; o nosso Pai celestial espera que preparemos os nossos corações para o derramamento do Seu Espírito sem medida. Quanto tempo vai Ele estar à espera por mim e por ti?

Há mais de cinquenta anos a serva do Senhor disse: «A descida do Espírito Santo sobre a igreja é esperada no futuro; mas é o privilégio da igreja recebê-la agora. Procurai-a, orai por ela, acreditai nela. Temos de a receber, o Céu está esperando concedê-la» (*Review and Herald*, 19 de Março de 1895, pág. 178).

Há muito tempo nos foi dito que «Não era a vontade de Deus que a vinda de Cristo devesse acontecer tão tardiamente, nem que o Seu povo permanecesse tantos anos neste mundo de pecado e tristeza» (*Grande Controvérsia*, pág. 458).

Prezados irmãos e irmãs, quando é que vamos dar ouvidos a este conselho e fazer a necessária preparação tão claramente indicada em Joel 2:1,12,13? «Tocai a trombeta em Sião e clamai em alta voz no monte da minha santidade; perturbem-se todos os moradores da Terra, porque o dia do Senhor vem, ele está perto. . . Ainda assim, agora mesmo, diz o Senhor: convertei-vos a mim de todo o vosso coração e isso com jejuns e com choro e com pranto. E rasgai o vosso coração e não os vossos vestidos e convertei-vos ao Senhor vosso Deus; porque Ele é misericordioso e compassivo e tardio em irar-se e grande em beneficência e se arrepende do mal».

Quão mal compreendemos como nos temos afastado da simplicidade, do sacrifício e devoção que caracterizavam os primeiros dias deste movimento. Não sentimos como as coisas deste mundo penetraram nas nossas afeições, de forma que nada menos do que «rasgar os nossos corações» poderá remover o egoísmo, a mundanidade e o pecado.

Contemplemos o mundo a perecer por falta dessa mesma mensagem que Deus nos confiou. As portas de cada terra estão hoje mais abertas do que nunca e Jesus está à espera de vazar «poder ilimitado» que rapidamente iluminaria a Terra com a Sua glória. Contudo, ano após ano se vai passando e o trabalho não é terminado.

Não terá já chegado, irmãos, o tempo de nos preocuparmos seriamente com este assunto? Quanto tempo mais vamos nós esperar para nos unir àquele grupo descrito pela serva do Senhor?

«Vi alguns, com fé forte e gritos agonizantes, suplicando Deus. Os seus rostos estavam pálidos, vincados pela ansiedade profunda, indício evidente da sua luta interna. . . Anjos maus agrupavam-se em chusma à volta deles, lançando sobre eles a escuridão a fim de lhes toldar a visão de Jesus. . . A sua única salvaguarda estava em fixar os olhos para cima» (*Early Writings*, pág. 269).

«Alguns, vi eu, não participavam neste trabalho de agonia e de súplica. Pareciam indiferentes e sem cuidado. Não estavam resistindo às trevas em volta delas e estas fecharam-nos em espessa nuvem» (*Ibidem*, pág. 270).

Um pouco mais adiante nós lemos: «Foi-me

mostrado os que anteriormente eu tinha visto chorando e orando em agonia de espírito. A companhia dos anjos da guarda, em volta deles, tinham dobrado, estavam vestidos de armaduras dos pés à cabeça. Moviam-se em ordem exacta, como uma companhia de soldados. As suas fisionomias expressavam o severo conflito que tinham sofrido, a luta agonizante por que tinham passado. O seu todo, marcado com angústia interna severa, brilhava agora com a luz e glória do Céu. Tinham obtido a vitória e isso enche-os de profunda gratidão, alegria sagrada e santa. . . os descuidados e indiferentes que não se tinham juntado com os que não tinham dado bastante valor à vitória e salvação para, com perseverança, suplicar e agonizar por elas, não as obtiveram e foram deixados para trás nas trevas» (*Ibidem*, pág. 271).

«Vi os que estavam cobertos de armadura apresentar a verdade com grande poder. Esta tinha efeito. Muitos tinham estado presos em diferentes laços: esposas pelos maridos, filhos pelos pais. Os honestos que não tinham tido o privilégio de ouvir a verdade recebiam-na agora com ansiedade. Todo o medo dos parentes se desvanecera e só a verdade era exaltada para eles. Tinham tido fome e sede da verdade; ela era mais cara e mais preciosa para eles do que a própria vida. Perguntei o que tinha feito esta grande mudança. Um anjo respondeu: «É a última chuva, o refrigério da presença do Senhor, o grande grito do terceiro anjo» (*Ibidem*, pág. 271).

Não esqueçamos que os que não participem nas ardentes súplicas rogando e agonizando perante Deus a pedir-lhe a vitória; os descuidados e indiferentes, serão repelidos e abandonados no seu caminho. Não estamos nós, agora, no «tempo de sermos estremecidos, abalados»? Quão solene é esta hora e quão tremenda de consequências se formos descuidados e indiferentes agora!

O maior problema que enfrentamos hoje é como poderemos fazer erguer a igreja para a consciência da nossa terrível derrota, caso mantenhamos o mesmo estado de mornidão e complacência neste nosso tempo. Embora professemos ser remanescente o povo de Deus, nós não obtemos o canal conveniente pelo qual o Seu amor e misericórdia e poder possam ser vazados sem medida para a salvação dos perdidos. Não tomaremos sentido no precioso conselho que nos foi dado há tanto tempo: «O nosso Pai celestial está mais desejoso de dar o Seu Espírito Santo aos que lho pedirem do que um pai desta Terra a dar coisas boas aos seus filhos. Mas é o nosso trabalho, por meio de confissão, humilhação, arrependimento e zelosa oração, cumprir as condições às quais Deus prometeu conceder-nos a Sua bênção» (*Review and Herald*, 22 de Março de 1887, pág. 177).

Começemos, hoje mesmo

Não parece essencial que devamos ter um plano simples e definitivo, no qual possa cooperar cada membro muito sincero, para despertar a igreja e entrar por completo no programa de Deus?

Primeiro, não devemos nós suplicar a Deus que suscite homens como chefes e obreiros que tenham a coragem das suas convicções e que obedeçam ao Seu mandamento: «Levanta a tua voz, não pouses, levanta-a como uma trombeta e mostra ao Meu povo a sua transgressão e à casa de Jacob o seu pecado» (Isaías 58:1). «Os que estão em posições de responsabilidade na obra do Senhor são representados

como sentinelas nas muralhas de Sião. Deus chama-os para soar o alarme entre o povo. Seja ele ouvido em toda a planície. O dia da desgraça, do aniquilamento, da destruição está sobre os que praticam a injustiça. Com severidade especial, Deus castigará a sentinela que tenha falhado em colocar perante o povo, em linhas claras, a sua obrigação perante Aquele que é o seu senhor por direito de criação e de redenção» (*Testemunhos*, vol. 8, pág. 195.)

Não seria um auxílio, onde possível, que grupos de crentes se reunissem para estudar a palavra de Deus e os Testemunhos e orar ardentemente pelas almas? Muitos dos nossos lares estão divididos, temos queridos nossos em perigo mortal, à medida que nos aproximamos da provação. Todos os nossos choros e lamentos de nada servirão assim que a porta se feche. Foi-nos aconselhado que «reuniões deveriam ser feitas em cada igreja para orações solenes e investigação atenta da Palavra a fim de conhecer o que é a verdade. Tomem as promessas de Deus e peçam a Deus com fé viva o derramamento do Espírito Santo. Quando o Espírito Santo for derramado sobre nós, tutanos e gorduras tiraremos da palavra de Deus... Quando a igreja se tornar viva, trabalhadora, o Espírito de Deus será dado em resposta aos sinceros rogos dela... As promessas de Deus, agora repetidas como se a nossa alma nunca tivesse provado do Seu amor, brilharão sobre o altar dos corações, serão traduzidas e ardentes palavras dos lábios dos mensageiros de Deus rogarão, então, às almas com uma solenidade tal que não poderão ser repelidos. As janelas do Céu serão abertas para deixar cair os aguaceiros das últimas chuvas» (*Review and Her Id*, 25 de Fevereiro de 1890, pág. 113).

Se dermos estes dois passos sugeridos, o Espírito Santo vai convencer-nos das nossas responsabilidades e o amor de Cristo encherá os nossos corações e nos obrigará a gastar cada momento possível em visitar os nossos vizinhos e amigos não-conver-

tidos para «os forçar a entrar». Uma admirável promessa está patente aos nossos olhos à medida que emprendermos este trabalho de reavivamento.

«Se os membros laicos da igreja se levantarem para fazer o que podem, por sua própria conta e iniciativa, vendo cada um o que pode fazer em ganhar almas para Jesus, nós veremos muitos a deixar as fileiras de Satanás e a colocar-se sob a bandeira de Cristo. Se o nosso povo agir de harmonia com a luz que lhe foi dada nestas poucas palavras de instrução, nós, por certo, veremos a salvação de Deus. Seguir-se-ão admiráveis despertamentos religiosos. Pecadores se converterão e muitas almas serão acrescentadas à igreja. Quando nós trouxermos os nossos corações à unidade de Cristo e as nossas vidas em harmonia com o Seu trabalho, o Espírito que caiu sobre os discípulos no dia do Pentecostes também cairá sobre nós» (*Testemunhos*, vol. 8, pág. 246).

Irmãos e Irmãs, não será bem evidente que a nossa suprema necessidade, hoje, é um poderoso despertamento da igreja para enfrentar os nossos problemas mundiais de abrir o caminho a Deus de forma que Ele lance a última chuva? Suspiramos nós na realidade por essa experiência? Suspiramos nós por ver milhares convertidos num só dia? Por ver a Terra iluminada com a glória de Deus até que a verdade penetre nas últimas fortalezas de Satanás e cada alma preciosa nas terras pagãs ouça as alegres novas da vinda de Cristo?

Deus disse-nos que um reavivamento e reforma são necessários, mas não podemos esperar que seja fácil despegar-nos de hábitos e costumes há muito estabelecidos. O Senhor disse-nos que necessitamos «jejuns, choro, tristeza e rasgamento de coração», mas não esqueçamos os resultados. Só esta experiência de profundo arrependimento, súplica sincera e intercessão nos separa da gloriosa culminação da nossa tarefa por Deus indicada. Não hesitemos mas, pela Sua graça, comecemos hoje a nossa parte no trabalho que Deus espera que nós façamos.

Leitura para Segunda-feira, 15 de Novembro

À PROCURA DO DERRAMAMENTO DO ESPÍRITO

POR LUÍS K. DICKSON

A necessidade mais imperiosa na Igreja dos nossos dias é o dom do Espírito Santo. Durante longo tempo temos estado na época da chuva serôdia. Temos falado acerca deste dom e temos reconhecido livremente que, sem ele, nunca poderemos acabar a obra de Deus ou estar preparados para a vinda de Jesus. O céu convida-nos a orar pela chuva, no tempo da chuva serôdia.

À luz destes factos, não será de profunda importância que aprendamos a procurar e a orar por este dom que é o mais precioso de todos os que provêm da graça de Deus? O que seja uma oração insistente e operante, capaz deste resultado, não é

bem compreendida pela igreja ou, se o fosse, já nós teríamos entrado na posse plena deste poder espiritual.

É importante, neste assunto, que nos lembremos, em primeiro lugar, que levou aos discípulos, dez longos dias e dez longas noites, a preparação para poderem pronunciar a oração operante que recebeu resposta na descida do Espírito Santo. Pensai nisto — aqueles crentes que, durante três anos e meio, «estiveram sob a instrução do maior Mestre que o mundo jamais conheceu; que foram treinados por Cristo para o Seu serviço, por meio de contacto e associação pessoais; dia a dia andaram e conversa-

ram com Ele, ouviram as Suas palavras de encorajamento aos cansados e sobrecarregados e viram as manifestações do Seu poder em favor dos doentes e aflitos... Viajaram com Ele de lugar para lugar. Partilharam da Sua frugal refeição e, com Ele, tiveram por vezes fome e estiveram cansados. No meio das multidões, junto dos lagos, nos desertos solitários estiveram com Ele. Viram-no em todas as fases da Sua vida» (*Actos dos Apóstolos*, págs. 17, 18). A despeito de tudo isto, dos privilégios maravilhosamente únicos, deste treino tão especial, como nenhum outro grupo de pessoas tornou a receber neste mundo, estes crentes estavam longe das condições convenientes quanto aos sentimentos necessários para a recepção do Espírito Santo. Foram precisos mais dez dias de profunda meditação e de prece, antes de estarem aptos a orar, nos devidos termos, a fim de receber o Espírito Santo que lhes tinha sido prometido por Cristo. Com que profunda compreensão deveriam eles ter orado ao fim destes dez dias! Com que intensidade deviam eles ter apresentado as suas petições, hora após hora, perante Deus, com fé em que se cumprisse neles a promessa de Jesus! Tendo tomado consciência da responsabilidade que sobre eles pesava de anunciar a mensagem evangélica ao mundo e, ao mesmo tempo, da sua profunda incapacidade para executar, de forma capaz, essa grande missão, humilharam-se no reconhecimento da sua incapacidade e rogaram a Deus lhes desse esse poder.

Também nós temos de subir os mesmos degraus se quisermos ser abençoados no derramamento do Espírito Santo, na chuva da última estação. «Temos de orar tão fervorosamente pela descida do Espírito Santo como os discípulos oraram no dia do Pentecostes. Se tiveram necessidade de fazer assim naquele tempo, nós ainda mais o necessitamos hoje. Escuridão moral, como um véu de luto, cobre a Terra. Toda a espécie de doutrinas falsas, heresias, enganos satânicos, estão desmanteando as mentes humanas. Sem o Espírito e o poder de Deus, será em vão que nós trabalhamos para difundir a verdade». (*Testemunhos*, vol. 5, pág. 158).

Condições para uma oração receber resposta

É evidente que necessitamos aprender a orar e saber persistir nessa oração até que tenhamos a consciência de que Deus nos dará o Seu favor e auxílio. No meio da correria desenfreada destes últimos dias não é fácil gastar tempo em fervorosas orações, tais como os discípulos fizeram. Mas não há outra via para alcançar o grande dom de Deus oferecido à Igreja para dar força a todos quantos dela tenham necessidade. Temos de encontrar tempo e lugar onde, a sós com Deus, possamos comungar com Ele e nas condições por Ele mesmo estabelecidas, para que possamos receber a resposta à petição. «Muitos, mesmo nos seus períodos de devoção, deixam de receber as bênçãos da comunhão real com Deus. Estão com demasiada pressa. Com passos apressados afastam-se do círculo onde se faz sentir a amável presença de Cristo, depois de terem parado um pouco dentro dos precintos sagrados, mas não esperando pelo conselho. Não têm tempo para permanecer junto do Mestre. Sob o peso, voltam para o seu trabalho». (*Educação*, pág. 260).

A grande decisão que a Igreja e cada membro individual tem de fazer agora é encontrar o segredo

do contacto consciente com Deus através da oração pessoal. Tudo está dependente desta experiência. «A não ser que nos tornemos vitalmente ligados a Deus, nós nunca poderemos resistir aos profanos efeitos do amor-próprio, das inclinações pessoais e das tentações do pecado. Podemos abandonar muitos maus hábitos, por tempos, e afastar-nos da companhia de Satanás; mas sem a conexão vital com Deus, através da rendição de nós mesmos a Ele, momento após momento, havemos de ser vencidos. Sem um contacto pessoal com Cristo e sem uma comunhão contínua, estamos à mercê do inimigo e faremos, no fim, o que Ele nos mandar». (*Desejados dos Séculos*, pág. 324).

Na base de toda a oração operante está uma vida santa. A questão do pecado tem de ser resolvida, antes de ser respondida a prece sobre o Espírito Santo. A verdadeira comunhão na prece está inseparavelmente ligada à verdadeira obediência com a vontade revelada de Deus. «Há muitos que crêem e professam reclamar-se a promessa do Senhor; falam de Cristo e do Espírito Santo mas não tiram disso nenhum benefício. Não submetem a alma à condução e direcção das agências divinas. Não somos nós quem pode usar o Espírito Santo. É o Espírito quem tem de nos usar a nós. Pelo Seu Espírito, Deus opera no Seu povo «para que ele queira e realize o Seu bom prazer» (Filip. 2:13). Mas há muitos que não quererão submeter-se a este plano. Eles desejam que as coisas se passem segundo o seu plano. Aqui está a razão pela qual não recebem o dom celestial. Sós os que esperam humildemente em Deus, que esperam a Sua condução e graça, é que receberão do Espírito dado» (*Desejado dos Séculos*, pág. 672).

Está bem claro, pois, que a obediência, a sujeição à vontade de Deus, a submissão da vida à actual condução de Deus, unidas à rejeição de todas as nossas naturais e herdadas tendências para o pecado, tudo isto, é a experiência que deve preceder a prece operante, capaz de receber a resposta do Espírito Santo. «Vi que ninguém poderia partilhar a bênção do Espírito se não tivesse obtido a vitória sobre cada pecado, cada orgulho, egoísmo, amor do mundo, sobre cada má palavra e acção». (*Primeiros Escritos*, pág. 71).

Cristo, nossa Justiça

Mas dirá alguém, para vencer cada má palavra e acto, para obter a vitória sobre cada baixeza, precisamos da experiência de uma vida inteira. De facto, assim é muitas vezes, mas também poderia deixar de ser. Estão tomadas as medidas através de Cristo, segundo as quais podemos ser «participantes da natureza divina, depois de escapar à corrupção que está no mundo pela concupiscência». (2 Pedro 1:4). Por meio das Suas promessas extraordinariamente grandes e preciosas esta maravilha pode operar-se em nós, no momento presente. «Pela fé o pecador pode trazer a Deus os méritos de Jesus e Ele colocará a obediência de Seu Filho no crédito do pecador. A justiça de Cristo é aceita em vez das faltas do homem». (Mrs. E. G. White, in *The Review*, Nov. 4, 1890). Cristo declara-se «Sua justiça para a remissão dos pecados que são passados» (Rom. 3:25) e torna possível que «se cumpra em nós» a justiça da lei». (Rom. 8:4). «A nossa esperança deve ser constantemente fortale-

cida pelo conhecimento segundo o qual Cristo é a nossa justiça». (*Test.*, vol. 5, pág. 742).

Todas estas afirmações se podem tornar o hábito das nossas vidas, se estivermos constantemente nas condições em que podem ser operantes as nossas preces em favor do poder do Seu Espírito. «Satanás vive e age e todos os dias necessitamos clamar fervorosamente a Deus por auxílio e força para lhe resistir. Enquanto Satanás reinar, temos de submeter o egoísmo, maus pensamentos e não há um só momento de descanso e não há um só ponto em que possamos dizer que temos atingido vitória completa». (*Ibidem*, vol. I, pág. 340).

Este é o trabalho da santificação e continuará sem cessar até que atinjamos a perfeição, essa perfeição última que só Deus pode ver mas que nós nem mesmo conhecemos. «Em cada estágio de desenvolvimento a nossa vida pode ser perfeita; no entanto se o propósito de Deus para conosco estiver cumprido, haverá contínuos avanços. Santificação é a obra de toda a vida. À medida em que se multiplicam as nossas oportunidades, aumentam as experiências e aumenta o conhecimento. Tornar-nos-emos fortes para suportar responsabilidades e a nossa maturidade estará na proporção dos nossos privilégios». (*Lições Objectivas de Cristo*, págs. 65, 66).

Foi-nos dito que os filhos de Deus «têm de lutar com forças sobrenaturais mas têm assegurado auxílio sobrenatural. Todas as inteligências do Céu estão neste exército. Nas fileiras deste exército há mais do que anjos. O Espírito Santo, o representante do Capitão das hotes do Senhor, desce para dirigir a batalha. As nossas enfermidades podem ser muitas, os nossos pecados e erros de pior espécie; mas a graça de Deus é para todos quantos a procuram com contrição. O poder da Omnipotência está alistado em favor dos que confiam em Deus». (*Desejado dos Séculos*, pág. 352).

Processos de santificação

Torna-se, pois, evidente que só a vida incorporada em Cristo se purifica, se limpa do pecado, dia a dia, hora a hora, e estará preparada para orar pelo maior de todos os dons, o dom do Espírito Santo. A vida em que o processo de santificação está presentemente em desenvolvimento é a vida que pode balbuciar para Deus a oração operante em favor do poder.

A obra de santificação na vida regista, na própria vida dessa pessoa, as marcas do verdadeiro crescimento espiritual. Acharemos nela uma crescente humildade. Onde se encontrem atrasamento no crescimento espiritual, no professo cristão, encontrar-se-á mui certamente qualquer deficiência neste elementos vital do verdadeiro carácter cristão — o qual é a humildade. O apóstolo Paulo dá grande ênfase a esta grande qualidade. Quão admirável

que Paulo pudesse dizer aos anciãos de Éfeso: «Vós sabeis, desde o primeiro dia em que vim para a Ásia, de que maneira tenho vivido convosco em todos os tempos, servindo ao Senhor com toda a humildade de mente, com muitas lágrimas e tentações». (*Actos* 20:18, 19).

O processo santificador, operando na vida, preparará a alma para a oração sincera e operante e marcará sobre o cristão um traço de fé e amor crescentes em relação a Cristo e aos seus semelhantes. Santidade de vida e conversão hão-de ver-se e esta espiritualidade crescente manifestar-se-á em crescentes diligências e zelo no serviço pelo Mestre. Oração pelo dom do Espírito Santo brotará de uma completa dedicação ao serviço de Cristo e à salvação dos perdidos.

Muitas vezes a estrada que conduz à oração eficiente em favor da promessa do poder do Espírito parece ser emaranhada, confusa. Mas não é necessário que assim seja porque o caminho é simples. Um missionário tinha-se perdido na selva. Encontrou um nativo e perguntou-lhe se não quereria tirá-lo dali. O nativo respondeu, «Sim, posso». O missionário replicou, «Podes mostrar-me o caminho?» e o nativo retorquiu «Anda». E lá foram, hora e horas seguidas. Então o missionário voltou a perguntar ao nativo «Estás certo que é este o caminho?» ao que este respondeu «Não há caminho nenhum, eu sou o caminho». Não havia caminho nenhum feito no meio da selva. O nativo abria esse caminho. *Ele era esse caminho.*

O mesmo acontece com tudo quanto pertence à vida cristã, à vida santificada, na preparação para a comunhão vital com Deus e para o cumprimento da Sua promessa com respeito ao Espírito Santo. *Cristo é o caminho.* Devemos deixá-lo ser o nosso Guia, o nosso grande exemplo em todas as coisas.

Temos de exercer fé se quisermos conhecer a alegria da oração respondida nas nossas vidas. A fé sempre dá ênfase ao lado espiritual da vida. Fé não «é desobediência à visão celestial» seja ela qual for. A fé diz: «Todas as coisas que para mim eram ganho as contei como perda por Cristo». Fé conta a vida e tudo que ela nos dá como um depósito e sempre está preparada para dar conta das suas responsabilidades. A Fé, de qualidade eficiente, que muito pode realizar pela prece, encontra vitórias nas adversidades e testemunha de Cristo continuamente vencendo grandes dificuldades.

Era este o aspecto original da vida cristã. Foi isto que precedeu o Pentecostes e preparou os discípulos a orar aquela prece que trouxe o fogo sagrado. Este é o nosso privilégio actual. Não queremos nós agora fazer as decisões nas nossas vidas que nos leve à posse de tal experiência e do poder glorioso que descera em poderosos chuveiros na chuva da última estação?

(Continuarão nos próximos números estas importantes comunicações para a Semana da Prece, este ano).

FUNDO DE CONSTRUÇÕES

Os adventistas, leitores da Revista, são dos mais fervorosos crentes na Evangelização e estão prontos a dar-lhe auxílio

Sábado, 21 de Agosto

far-se-á em todas as Igrejas a colecta especial para Construções

PEDIMOS O VOSSO AUXÍLIO